

CEDI

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JB

CLASS. : Yan 1706

DATA : 03 05 90

PG. : capa
6

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Quinta-feira, 3 de maio de 1990

Ano C — Nº 25

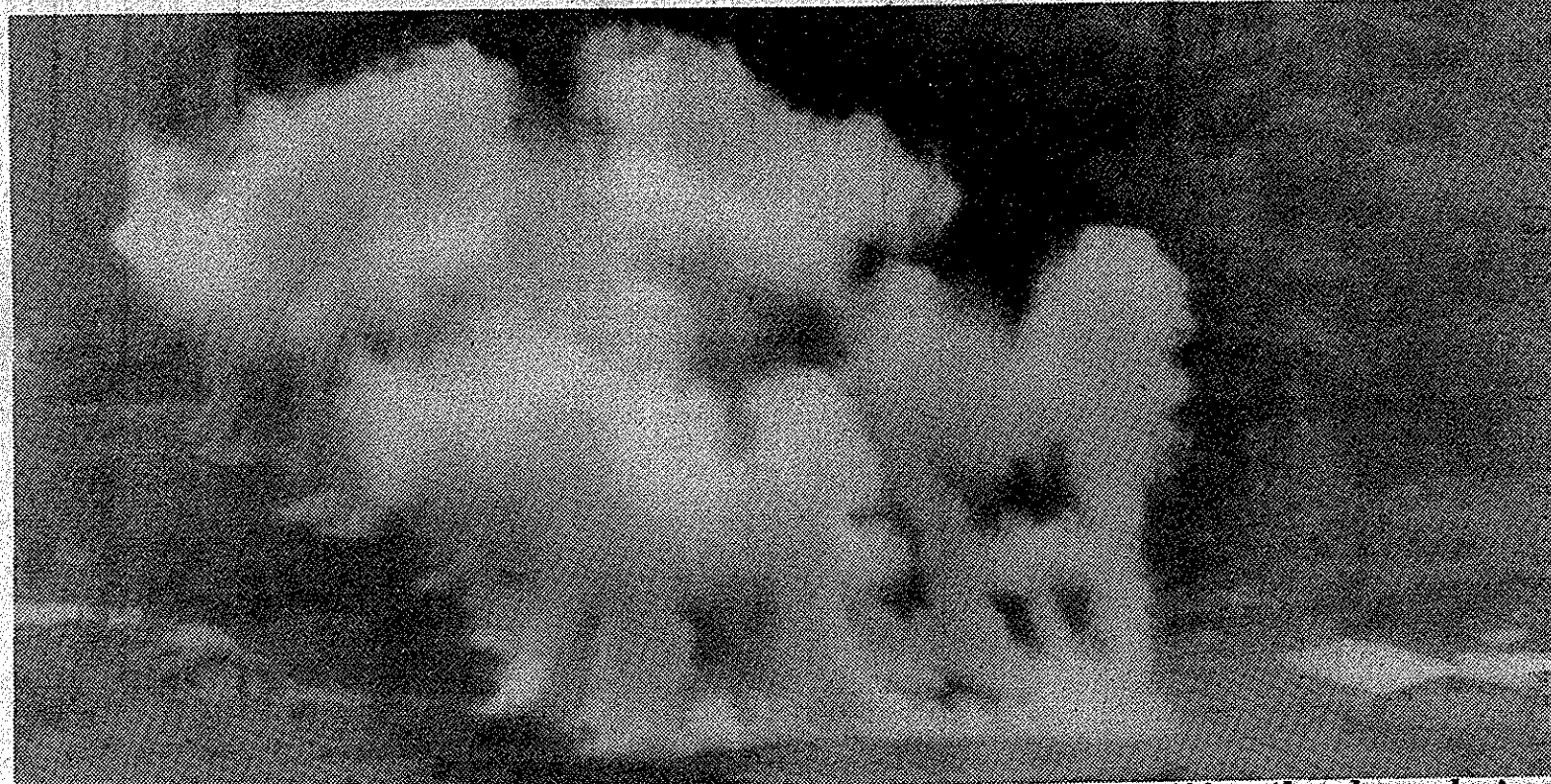
Preço para o Rio: Cr\$ 30,00

Surucucu, RR — Gilberto Alves

Pista de pouso é destruída em terra ianomâmi

Em verdadeira operação de guerra, deflagrada por determinação do presidente Fernando Collor, foi dinamitada ontem, com o uso de 600 quilos de explosivos, uma pista de pouso clandestina situada na Reserva Surucucu, em Roraima, dos índios ianomâmis. Participaram da operação o Exército, a FAB, a Funai, a Polícia Federal e a Secretaria do Meio Ambiente.

O diretor-geral da Polícia Federal, Romeu Tuma, disse que será mantida a fiscalização constante na área, para evitar novas invasões em terras indígenas. A operação deve continuar até o dia 18, com a destruição de pistas clandestinas em outros 11 locais. O trabalho foi documentado por 32 jornalistas e duas equipes de televisões estrangeiras. (Página 6)



Operação para dinamitar pista clandestina de Surucucu consumiu 400 quilos de explosivos

FONTE : JB

CLASS. : 100

DATA : 03 05 84

PG. : 6

Explodida a primeira pista em área indígena

BOA VISTA — Para os 7.200 ianomâmis de Roraima, 2 de maio foi o Dia do Índio. Voou pelos ares ontem a pista clandestina Baiano-Formiga, construída ilegalmente dentro da reserva indígena de Surucucu e que se tornou um símbolo para milhares de garimpeiros — circulava por ali uma produção diária de dois quilos de ouro. A chuva que caiu durante toda a noite, a manhã cinzenta e a forte neblina não impediram que pontualmente às 8h, como estava previsto, mais de 600 quilos de explosivos abrissem na pista crateras de oito metros de diâmetro, tornando-a impraticável para operações de pouso e decolagem.

Operação — “Acaba de cair Baiano-Formiga”, anunciou o presidente da Fundação Nacional do Índio, Coronel Airton Alcântara Gomes. “Parabéns. Daqui, a vista foi sensacional”, empolgou-se o diretor-geral do Departamento de Polícia Federal, Romeu Tuma, que acompanhou todo o trabalho com um rádio grudado ao ouvido, em constante comunicação com coordenadores do Exército, FAB, Funai e Secretaria do Meio Ambiente, parceiros na operação. O delegado bateu palmas ao ver os cogumelos de fumaça que se levantaram nos 600 metros do campo de pouso.

Assim, terminou em festa a verdadeira operação de guerra que mobilizou dois aviões Búfalo e helicópteros Esquilo e Pullmar — utilizados pelos americanos no Vietnã. “A Polícia Federal aceitou o desafio e venceu”, comemorou Tuma, lembrando que no início da Operação Ianomâmi, em janeiro, poucas pessoas acreditavam que seria possível retirar 10 mil garimpeiros das áreas indígenas e destruir as mais de 100 pistas clandestinas. Foram gastos mais de Cr\$ 150 milhões e 70 agentes federais contraíram malária.

No momento da explosão, documentada por 32 jornalistas e duas equipes de televisões estrangeiras, não havia um único garimpeiro nas proximidades. No entanto, o delegado da Polícia Federal, Amaury Galdino, estimava que entre 300 e 500 garimpeiros ainda se encontram escondidos na exuberante floresta de Roraima. Todos os barracões montados pelos empresários do garimpo na região foram destruídos com moto-serras e queimados.

Depois de descer a uma das crateras, Tuma disse que “a decisão de destruir as pistas foi tomada pelo presidente Fernando Collor de Mello” e garantiu que a intenção não era responder aos ambientalistas internacionais. “A partir de agora, vamos manter eficiente fiscalização nos aeroportos para tentar evitar novas invasões da área ianomâmi”, prometeu o delegado, que vai entregar relatório ao juiz Novelty Vila Nova, da 7ª Vara do Distrito Federal, que autorizou a retirada dos garimpeiros também das reservas Catrimani-Couto Magalhães e Urariqüera. A previsão é de manter a operação até o dia 18, com destruição de pistas clandestinas em mais 11 locais.

Marcas profundas — A temporada de chuvas em Roraima, no entanto, pode atrapalhar as pretensões do governo. Segundo informou o coronel Lima Mendes, do Comando Militar da Amazônia — que colocou à disposição quatro equipes, incluindo especialistas em explosivos — após a destruição das 12 pistas mais importantes, a tarefa só será retomada em agosto, com o fim das chuvas. A chefia da operação está localizada na pista Jeremias, onde dezenas de índios recebem tratamento contra malária por médicos da Funai e outros órgãos.

“Precisamos do apoio da Força Aérea Brasileira, pois a Funai não tem helicóptero e os aviões vivem no conserto”, reconheceu o coronel Airton Alcântara, acrescentando que agora é necessário redobrar a vigilância para evitar invasões.

Ainda ontem, três garimpeiros maranhenses chegaram à pista Jeremias com a notícia de que estão abandonando o garimpo do Goiano, onde atuavam desde outubro passado. A passagem dos exploradores de ouro pelas reservas indígenas deixou marcas profundas. Árvores foram derrubadas e rios, como o Mucajai, ficaram assoreados e poluídos pelo mercúrio. A pista do Baiano-Formiga foi financiada durante muitos anos por ricos empresários do garimpo. Na área chegou a agir o foragido da Justiça Marlon Pidade, um dos *bamburrados* de Serra Pelada — de onde tirou três toneladas de ouro —, que teve sua prisão preventiva decretada por comandar o massacre de seis posseiros na Fazenda Ubá, Sul do Pará.